

# Blumenau em cadernos



T O M O X I — ★ JANEIRO DE 1970 ★ — Nº. 1

CANTO DOS COOPERADORES

**ESTA PUBLICAÇÃO PODE SOBREVIVER GRAÇAS  
À GENEROSA CONTRIBUIÇÃO DOS  
SEGUINTEs COOPERADORES :**

*Cremer S/A. — Produtos Têxteis e Cirúrgicos*

*Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.*

*Industrias Têxteis Comp. Hering S/A.*

*Dr. Henrique Hacker — Blumenau.*

*José Sanches Júnior — S. Paulo.*

*Prefeitura Municipal de Blumenau.*

*Companhia de Cigarros Souza Cruz.*

*Empresa Industrial Garcia S/A.*

*Arthur Fouquet — Blumenau.*

*Tecelagem Kühnrich S/A.*

*Eletro Aço Altona S/A.*

# Blumenau

## em Cadernos

TOMO XI - ✧ JANEIRO DE 1970 ✧ - Nº. 1

### NOVA CAMINHADA

Com o presente número, "Blumenau em Cadernos" inicia o seu décimo primeiro tomo.

Chegamos até êste marco vencendo contrariedades e percalços sem conta. Dificuldades de tôda sorte, principalmente financeiras, antepuseram-se, constantemente, em nosso caminho, ameaçando a regularidade, senão o definitivo desaparecimento desta publicação.

Graças a Deus, como aconteceu nos anos anteriores, também no que se passou, não nos faltou o amparo da Prefeitura, das Indústrias e do Comércio locais e de alguns particulares, sempre dispostos a ajudar, mesmo com sacrifícios, as boas iniciativas. E só assim, contando com essa boa vontade e essa cooperação, foi que conseguimos completar o décimo volume, cada um deles com 12 cadernos que se constituem, e sem dúvida alguma, no mais precioso repositório histórico já impresso em Santa Catarina.

Continuaremos a nossa caminhada certos de contarmos, em 1970, com a ajuda de quantos, conscientes da importância e do valor da obra que realizamos, vêm cooperando, desde o início, para que "Blumenau em Cadernos" continue trabalhando na divulgação do nosso passado e prestando, assim, serviços assinalados ao desenvolvimento econômico e cultural da coletividade catarinense.

É confortador o apoio e honroso o prestígio que esta publicação tem conquistado nos meios intelectuais do Estado e do país. Até mesmo do exterior nos têm chegado pedidos de assinaturas. Organizações culturais da Alemanha, Itália e Estados Unidos possuem coleções completas dos "Cadernos" e insistem, em constante correspondência, em que lhes mantenhamos a remessa das nossas novas edições.

Isso é, para nós, um prêmio com que nos sentimos bem pagos do muito esforço e sacrifícios que nos custa a manutenção dêste periódico.

A todos os nossos assinantes, anunciantes e benfeitores os nossos agradecimentos e os votos de um **NÓVO ANO** cheio de paz e de prosperidade.

A Redação.

# HERMANN BLUMENAU

*Enéas M. de Barros*

O ilustre professor e jornalista, Dr. Enéas Martins de Barros, da Fundação Universitária de Blumenau, escreveu para a Rádio Nereu Ramos a seguinte crônica, divulgada a 26 de dezembro, último, data do sesquicentenário do fundador de nossa cidade. Tratando-se de uma magnífica peça literária e uma homenagem sincera à memória do Dr. Blumenau, calorosa e brilhante, não poderíamos deixar de trazê-la para estas páginas, com que "Blumenau em Cadernos" sente-se muito honrada.

Faz hoje 150 anos o Dr. Hermann Blumenau. Faz, porque os gênios não morrem. Continuam vivendo perenemente na contemplação e na memória de todos os que ainda podem reservar, no recesso da alma, o sentimento da gratidão e da justiça.

Assim, faz hoje 150 anos êsse gênio, essa figura de missionário que ainda em tenra idade, punha-se oceano adentro, consumava tôdas as renúncias, renunciava aos prazeres que sua terra natal podia oferecer à juventude, porque sua pátria haveria de ser a nova terra, à qual iria consagrar tôdas as fôrças vivas de sua alma, de seu coração e de seu corpo.

Renunciou ao conforto e até aos amigos, renunciou a si mesmo, porque tôda a sua atividade, todo o seu tempo seria exigido na implantação desta obra ciclópica, por onde corre hoje desvairadamente o progresso, sem prejuízo da paz e da ordem.

Na consecução de sua obra prodigiosa neste recanto pitoresco do Brasil, ser-lhe-ia exigido cruzar oceanos, transpor desertos, fertilizar charneças, vencer preconceitos, desconfianças e hostilidades de raças seculares, superstições ciosamente transmitidas de geração em geração. Cabia-lhe transformar homens, despertar nêles novos hábitos, eliminar-lhes os impulsos escravagistas e impor aqui um respeitoso sentimento de liberdade e de concórdia. A missão era imensa e quiçá sobrehumana, mas o ideal lhe alicerça a vontade. Hoje é uma inundação que assola o território, depois os indígenas que atacam ferozes, constante e pertinaz é a má vontade de muitos e a descrença de tantos. A tudo o Dr. Blumenau enfrenta com coragem, com sadio otimismo. Multiplica-se, serena ânimos, reconstrói o que a avalanche derruíra e faz prosseguir a luta por êste ideal, hoje transfigurado nesta saborosa cidade, nesta Blumenau cativante e tranqüila, marco que ficará até a consumação dos séculos, a atestar a presença de uma luz maior, que infatigavelmente, estranhamente a alumiou no seu desabrochar e em grandes jatos lhe indica a perpetuidade da história. Os feixes dessa luz prodigiosa que tem como tulcro o espírito lúcido do seu Fundador, estão a projetar esta cidade pela história adentro, pelos tempos afora, mostrando às gerações êste marco à margem de Itajaí, plantado na estrada do progresso do Brasil.

Existe, de fato, aqui em Blumenau uma fôrça estranha, uma luminosidade diferente e singular, que nos cativa e envolve. Sei, hoje, após ter-me abrigado nessa terra favônia, estar aqui perenemente gravado e indelêvelmente esculpido o espírito do seu genial criador.

Não o espírito das asas brilhantes que ofuscam as visões e entorpecem a alma e semeiam o pavor; não o espírito das conquistas bárbaras, nem o da tirania das consciências, ou das verborragias estéreis como a areia dos desertos, ou ainda a arrogância dos títeres vis. Mas o espírito altivo e nobre, com que o Dr. Blumenau plantou o seu arraigado ideal.

É pena que o tempo inexorável não permitisse ao criador assistir ao desenvolver de sua insigne obra. Se, por um milagre de equilíbrio no efêmero da existência humana, lhe fôsse possível sobreviver às contingências, veria que sua Blumenau é daqueles lugares tão bem descritos por Maurice Barrès, que arrancam a alma à letargia; daqueles lugares cercados, banhados de mistério, escondidos desde tôda a eternidade para serem o trono da emoção poética, daqueles lugares em cujas sarças eternamente ardentes sòmente olhos distraídos ou muito fracos não distinguem a marca da eternidade.

Blumenau é daqueles lugares que arrancam à alma as mais sinceras exclamações de júbilo e que predispõem o homem a viver a vida em tôda a sua exuberância, alimentada dos mais confortantes estímulos.

É possível, Dr. Blumenau, que muitos dos que aqui vivem e la-  
tejam, nesta tua cidade dominada pelo progresso, agitada, apressada, envolvente, cortada de ruas onde o trabalho se ostenta altivo e dominador, plantada de prédios da mais avançada concepção arquitetônica, riscada pelas ondas hertzianas em tôdas as direções, é possível que diante dêste mundo nervoso e envolvente muitos não se dêem conta da tua presença na obra que construístes, que te demandou tantas renúncias, mas onde aplicaste tôda a tua fé e as tuas melhores esperanças.

Mas, mesmo aos que passam diante da tua memória sem a reverência que a justiça e a gratidão estão a exigir no todo-dia de cada um de nós mesmo a êsses não passará despercebida a tua obra, esta tua cidade que é o que quiseste que fôsse: a morada privilegiada de homens livres, trabalhadores, pujantes e idealistas, hospitaleiros e otimistas, que reclamam, como ora fazemos, alto e bom som, quer no fundo da consciência, quer nas proclamações adultas e responsáveis, quer no sorriso afável das crianças, quer a liberalidade e o idealismo dos filhos dêste privilegiado rincão, são inesfável decorrência dos magnânicos sentimentos herdados de seu ilustre fundador, Dr. Blumenau.

Tua obra-prima, Dr. Blumenau, que perpetua, com suprema honra e religiosa dignidade, o teu nome, é hoje um vasto patrimônio de grandeza e glória que, em todos os seus cantinhos, com suprema emoção, evoca os teus feitos épicos, as tuas lutas, os teus triunfos, as tuas conquistas, as tuas vitórias e decepções, as tuas raras alegrias e tuas copiosas lágrimas, mas sobretudo, indelêvelmente, a tua merecida imortalidade.

---

Em 1906, os presos da Cadeia Pública de Itajaí, sentindo-se seguidamente maltratados pela esposa do carcereiro, amotinaram-se e expulsaram da mesma cadeia tanto o carcereiro como a mulher e os filhos.

# BLUMENAU

## E A SUA IMPRENSA

### XIII

#### “BUMMELAUER FASTNACHTS-ZEITUNG”

Pela ordem cronológica que vimos seguindo, êste jornalzinho deveria vir sob o n.º IX, de vez que a sua primeira edição deve ter aparecido em 1901.

Conhecemos dêle os números 3, 4 e 5. Era um jornalzinho carnavalesco, cujo primeiro número, conforme já dissemos, deve ter aparecido com o título de “Altonaer Fastnachts-Zeitung”, já comentado

Realmente, os três números acima citados, datados de fevereiro de 1903, 1904 e 1906 são impressos, igualmente, em papel colorido (branco o primeiro, verde o segundo, e azul o terceiro), na mesma oficina tipográfica e no mesmo formato (23 x 31 cm). O número 2 deveria ter aparecido em fevereiro de 1902.

Como o “Altonaer”, o “Bummelauer” dirigia, principalmente, as suas críticas aos políticos em evidência na época, aparecendo, como os mais visados, além de Pedro Feddersen, Eugênio Fouquet, Ricardo Hinsch, Francisco Margarida e o Superintendente Alvin Schrader.

Críticas e anedotas realmente inteligentes e engraçadas devem ter conquistado para o jornalzinho grande número de leitores, provocando, na pequena cidade de então, muitos e alegres comentários e, como sempre acontece, também muita raiva, queixas e inimizades.

Além do título, (Jornal carnavalesco de pândega) o pequeno periódico trazia, como subtítulo: “Unabhaengiges deutsch Narren-Blat” (“Fôlha alemã de malucos, independente”) a que, nos números 4 e 5 foi acrescentado: “Fuer Brasilien” (Para o Brasil). Como redator figurava o nome de E. Fridolin, atribuído, evidentemente, a Eugênio Fouquet, redator do “Der Urwaldsbote” e principal mentor da “Volksverein” (Sociedade Popular).

Os números que temos presente, vêm, cada um dêles, com 8 páginas. No ano do aparecimento do n.º 2 (1903), o professor Juergens, da “Escola Nova”, tratava da publicação do seu livro “Bilder aus dem Naturleben” (Quadros da Natureza), que apareceria em 1906. Pronunciara o mestre, antes e em várias oportunidades, conferências a respeito de animais e plantas que estudara. Tanto as conferências como, posteriormente, o próprio livro, sofreram muitas críticas, sérias umas, outras maliciosas e ridicularizantes.

Juergens não escapou de figurar, por mais de uma vez, no jornalzinho de que estamos tratando.

Assim no número 3, aparece êste anúncio com a assinatura de Ernesto Bernhardt, regente de um pequeno grupo musical e proprietário de

um salão de bailes, na entrada do bairro da Velha: "Depois do prefácio do professor Juergen ao livro "Quadros da Natureza", os moços que haviam contratado a soarê dançante e as moças não quiseram mais dançar; por isso, ofereço à venda, por preço de banana, o meu salão de bailes e peço aos amigos da Natureza que, por favor, me arranjem um lugar onde não existam nem animais, nem plantas, nem minerais com que a mocidade se possa entreter. Nós também queremos viver, que diabo!".

Piadas como esta, levavam, quase sempre, enderêço certo, facilmente identificável na assinatura truncada: "A minha mulher fugiu-me de casa. Quem a encontrar, pode ficar com ela. Mathias Hobel, marceneiro".

Ou então, esta pesada crítica ao "Volkspartei" (Partido popular) que havia sido fundado sob a inspiração do "Der Urwaldsbote", para combater a chefia política de Bonifácio Cunha: "Fotografias do Partido Popular, em tamanho natural, de acôrdo com processo próprio e patenteado. Para obtê-las, não há necessidade de aparelhos, chapas, papel nem produtos químicos. Basta uma porção de estúpidos que ainda se fiem em mim. O nôvo método é prático e rendoso. Tanto quanto o antigo, também célebre método de bater duas fotografias numa chapa só e com o qual um meu amigo, antigo colega, ganhou o primeiro prêmio. Francisco Fotográficus".

O livro e as conferências do professor Juergen destacavam-se pelas ingenuidades das descrições dos vários animais de que tratavam. O jornalzinho, a que estamos nos referindo, parodiando algumas dessas descrições, escrevia coisas como esta, para ridicularizar o pobre mestre da "Escola Nova": "A traíra. A traíra é um peixe e, como tal, vive nágua. Todo o seu corpo foi feito para nadar. Por isso ela não pode andar, mas o seu corpo corta as águas como uma canoa a motor. Existem traíras grandes e pequenas. Quando elas são grandes as suas escamas podem servir de telhas para cobrir casas. A sua cabeça é coberta por uma couraça que ricocheteia qualquer bala de canhão. Como a traíra vive todo o tempo dentro d'água e nunca vem à terra, é preciso apanhá-la no rio. A traíra não tem pulmões e, por isso ela não sofre de tuberculose. Ela também não fala: é muda como um peixe. No seu estado adulto ela mede até 1 metro de comprimento. Então a gente pode servi-la como uma saborosa iguaria. Isto é, se a gente a apanhar".

Como se vê por êsses tópicos, escolhidos a esmo entre a abundância de piadas, anedotas, críticas etc., dos números conhecidos, essa fôlha carnavalesca foi das mais temíveis que apareceram em Blumenau.

Êsse jornalzinho, apesar do rótulo de carnavalesco, deve ter dado muitas dôres de cabeça aos homens da política e da administração municipal, pois, sob o pretexto de troça trouxe a público muitas das suas mazelas. Soube bem encarnar o dito latino: "ridendo castigat mores".

Mais tarde surgiriam, como veremos, outros jornais críticos de literatura brejeira. Mas, dadas as condições sociais da época do seu aparecimento, nenhum, como os que estamos focalizando, fêz críticos mais contundentes e engraçadas nem reflete melhor a inteligência e o espírito de humor de seus redatores.

Êle é bem um reflexo perfeito do caráter alegre e ao mesmo tempo mordaz do blumenauense dos começos do século.

## XIV

### “MITTEILUNGEN DER DEUTSCHEN SCHULVEREINS FUER”

#### “SANTA CATARINA”

A Associação de Professôres e Sociedades Escolares de Blumenau (“Lehrer und Schulverein der Colonie Blumenau”) fundada em 18 de abril de 1900, teve, quatro anos depois, modificados os seus estatutos e ampliado o seu raio de ação para todo o Estado, passando, então, a denominar-se “Sociedade Escolar de Santa Catarina”. Suas finalidades precípua eram melhorar o nível intelectual do professorado particular a ela filiado, proporcionar facilidades para a aquisição, por parte dos professôres e alunos, de material didático, defender os direitos dos mestres, auxiliar as comunidades escolares nos vários distritos e linhas coloniais; fundar uma Caixa de Auxílios aos necessitados de tratamento médico e outros. Dessas finalidades constava, igualmente, a publicação de um órgão que mantivesse em constante ligação a direção da Sociedade com os seus filiados.

Já em janeiro de 1909, sob o título de “Mitteilungen” (Informações) apareceu o primeiro número desse órgão, que era impresso nas oficinas do “Der Urwaldsbote” e sob a direção e responsabilidade da Diretoria da Associação.

Constante, geralmente, de 4 páginas, abertas em duas colunas, êsse periódico foi publicado, mensalmente, com muita regularidade, até outubro de 1917 quando deixou de existir, em conseqüência das determinações legais, ditadas pelo estado de guerra entre o Brasil e a Alemanha, ocasião em que foram proibidas, em todo o país, as publicações em língua alemã.

De formato de 24 x 33,5 cm., trazia, no cabeçalho, apenas o título “Mitteilungen” e, em caracteres menores: “des Deutschen Schulvereins für Santa Catharina” (Sudbrasilien).

O jornal trazia sempre matéria de grande interêsse para a classe bastante numerosa, dos professôres particulares a ela ligados e, além de dar conhecimento dos dispositivos legais e determinações das inspetorias estaduais de ensino, explicando-os, inseria sempre artigos sôbre os melhores métodos de ensino, com preciosas orientações pedagógicas.

Com o número 7, de janeiro de 1908, aparecem, no cabeçalho, como redatores, o reitor Strothmann, da Escola Nova, de Blumenau e o Professor Fuhrmann, de Itoupava Central. O nome desse último professor desaparece do cabeçalho com o número 12, de dezembro do mesmo ano (Ano III), permanecendo, entretanto, o do reitor Strothmann.

Os números de agôsto e setembro de 1912 (ns. 8 e 9 do VII ano) aparecem num único, de 14 páginas, com um belo desenho alegórico na primeira página, comemorativo da “Reunião Geral da Associação dos Professôres” (Lehrervereinigung”), no domingo, 1.º de setembro de 1912. A primeira e a última páginas desse número, são impressas em papel acetinado. Tôda a primeira página é tomada pela alegoria desenhada por E. Z. em que se lê o

título do jornal sôbre uma paisagem banhada pelo sol nascente e sobrevoada por uma águia, tendo inscrita a frase: "Bildung macht frei". A última página é inteiramente dedicada à homenagem aos mais antigos professôres particulares de Blumenau, destacando Fernando Hackbarth, Carlos Gunther, Conrado Glau, Frederico Shümann e Alvin Lämmel, cujos retratos publica.

Tendo, a 20 de setembro de 1913, deixado Blumenau o reitor Strothmann, que regressou à Alemanha, donde era natural, assumiu a redação do "Mitteilungen", o diretor Mangelsdorff, com o número 9, daquele mês e ano, até o número 1, do 10º. ano, 1925, quando assumiu a redação o professor Carlos Büchler, lente da "Escola Nova".

O número 10, de outubro de 1917, que foi o último da existência do jornal, foi, entretanto, redatoriado pelo Dr. Herbert Koch.

"Mitteilungen" teve a assídua colaboração de nomes destacados no magistério particular, como o do próprio Carlos Büchler, de Rudolfo Damm, poeta e autor de uma gramática portuguesa, tradutor de várias obras de autores nacionais, Rodolfo Hollenweger, autor de um Manual para as escolas primárias e de vários outros professôres que tiveram renome pela sua capacidade e dedicação ao magistério.

Para a história do ensino primário no Vale do Itajaí, a coleção dêsse jornal é de extraordinária importância, de vez que não se limitou à publicação de artigos doutrinários e lições práticas de pedagogia e de técnica de ensino, mas, também, dados estatísticos sôbre matrículas e aproveitamento dos alunos, número de professôres e de Comunidades Escolares existentes no Vale do Itajaí.

A Biblioteca Municipal de Blumenau, em sua seção de Bibliografia do Vale do Itajaí, possui tôda a coleção dêsse periódico.

## X V

### "DER CHRISTENBOTE"

Infelizmente, por muitos esforços que tivéssemos desenvolvido, não conseguimos maiores informes sôbre êsse periódico, além dos dados pelo Dr. Karl Fouquet na "Bibliografia sôbre o Vale do Itajaí", publicado no "Livro do Centenário de Blumenau", editado em 1950. Êsses dados são os seguintes: "Monatsblatt fuer die Evangelischen Gemeinden in Sancta Catharina und Mittelbrasilien. Blumenau" (Mensário para as comunidades evangélicas de Santa Catarina e do Sul do Brasil. Blumenau). Circulou mensalmente, de 1907 (1-1-1908?) até fevereiro de 1942.

"Houve interrupção na publicação de novembro de 1907 até agosto de 1919. Até agosto de 1941 era editado em alemão; em seguida na língua do país, como "Boletim Mensal da Comunidade Evangélica de Blumenau". Tiragem: 1908 a 1912, 1.200 exemplares; ascendeu a 1.600, atingindo, por fim, 3.700. Editôres: Evangelische Pastoralkonferenz des Evangelischen Gemeindeverbandes von Sancta Catharina und Paraná. Redatores: P. Walter Mummelthey, 1907 (1908?) 1919 (?); P. Ferdinand Graetsch 1931 - 1934;

Praeses P. Ulrich Schliemann, 1934 - 1939; Emma Deeke, 1939 - 1942. Revista de grande divulgação, ultrapassando mesmo os limites do Estado de Santa Catarina. O número duplo de janeiro - fevereiro de 1941 é particularmente elucidativo do ponto-de-vista histórico”.

Continuaremos as nossas indagações a respeito dêsse periódico e, se formos mais felizes do que até aqui temos sido, acrescentaremos mais amplos informes em outra oportunidade.

## XVI

### “DER URWALDSBOTE”

(Edição Portuguêsa)

Em meados de 1909, Blumenau tornou-se sede de uma guarnição militar.

Em decorrência da reorganização do Exército Nacional, verificada no ano anterior, veio estacionar, nesta cidade, o 55º Batalhão de Caçadores. Seu comandante, era o Tenente - coronel Crispim Ferreira depois alçado a general, militar que, a uma bela inteligência, aliava prudência e consciência das responsabilidades assumidas com a comissão que lhe fôra atribuída.

Blumenau, naquele tempo, ainda era a cidadezinha, bonita e rica, sim, mas a verdadeira capital de uma colônia, cuja numerosa população de agricultores era, em sua esmagadora maioria, de origem e de fala alemãs. O idioma nacional, quase ausente do trato diário, era deficientemente ensinado nas escolas. Estas, diga-se a bem da verdade, contavam com professôres competentes e, alguns dêles, verdadeiramente interessados no ensino do venáculo.

Os dois semanários que, aqui, se publicavam - e que viviam às turras-eram redigidos, inteiramente, em alemão, como em alemão eram os sermões dos padres e pastores, os discursos nas reuniões públicas, ou particulares e, até mesmo em muitos atos oficiais.

O corpo de Exército destinado a guarnecer a cidade trazia, assim, muito mais que a simples missão, a êle inerente, de guarda da honra e da integridade da Pátria, a tarefa de apressar a perfeita aculturação dos habitantes da antiga Colônia fundada pelo Dr. Blumenau que, sãbiamente, a dirigira por quase trinta anos.

Integrando o batalhão, vinham alguns oficiais com muito gôsto pelas letras. Foi, sem dúvida, a influência do comandante Crispim Ferreira e da sua oficialidade, que decidiu os diretores do jornal “Der Urwaldsbote” - do qual já falamos - a lançar, não um simples suplemento, mas um jornal completo em língua portuguêsã, embora conservando o título no idioma alemão.

Realmente, a 5 de setembro daquele ano de 1909, apareceu o primeiro número do nôvo periódico. Seu formato era de 34 x 46,5 cm., inteiramente redigido em vernáculo, exceção de um ou outro anúncio em alemão. No cabeçalho, além do título “Der Urwaldsbote”, em belo gótico de 3 centímetros de alto, trazia, à esquerda dêste, as seguintes indicações: “Aparece semanalmente, nos domingos. Assinaturas: no Brasil, um ano 8\$000; seis

meses, 4\$000; no estrangeiro: um ano 10\$000, seis meses 5\$000. Pagamento adiantado. Números avulsos \$200". Do outro lado, constavam os preços dos anúncios: 100 réis a linha de corpo 10, com o mínimo de 1\$000. Os anúncios deveriam ser entregues até o meio dia das quintas-feiras. Não trazia indicação de redator, ou outro responsável. As páginas eram divididas em quatro colunas de 7,5 cm. de largura, trazendo sempre, em rodapé, na primeira página, trechos escolhidos ou romances completos de autores nacionais, em folhetins.

À guisa de apresentação, depois de reproduzir, na primeira coluna da primeira página, a poesia de Casemiro de Abreu, "Sete de Setembro", o jornal lança o seu editorial, afirmando: "Há 17 anos que „Der Urwaldsbote" aparece em língua alemã. De hoje em diante, aparecerá, também em língua português. Supomos não ser inútil aqui um jornal que, em língua vernácula, dê um golpe de vista sobre o vida e os sentimentos da população teuto-brasileira que prevalece neste município, o maior do Estado de Santa Catarina".

"Por falta de conhecimento da língua alemã, os nossos patrícios luso-brasileiros mostram-se às vêzes, mal informados a respeito do que se passa em Blumenau, ou nos outros centros coloniais em que se conservam a língua e os costumes dos seus fundadores".

"Encontrou-se em jornais e revistas brasileiros opiniões menos exatas e críticas menos justas, de maneira que o "Urwaldsbote", mais de uma vez, viu-se forçado a publicar artigos em português, a fim de destruir desinteligências ou más interpretações".

"Esperamos, pois, contribuir à boa harmonia entre o elemento nato e o imigrado, publicando do nosso jornal, o mais divulgado dos jornais teuto-brasileiros dêste Estado, uma edição português que sairá, provisoriamente, uma vez por semana, enquanto que a edição alemã sai bissemanalmente. Transcreveremos de uma à outra edição artigos e notícias que julgamos interessantes, sem ser o conteúdo de ambas as edições em todos os casos idêntico".

E termina, depois de fazer outras considerações no sentido das anteriores: "Grato nos seria que a nossa modesta fôlha encontrasse boa aceitação nos círculos dos nossos patrícios luso-brasileiros, com cuja indulgência devemos contar; pois não ignoramos que são insuficientes os nossos conhecimentos da língua português que, naturalmente, não manejamos com a vernaculidade e elegância de quem bebeu o conhecimento dêle com o leite materno. Quanto ao conteúdo, esperamos poder oferecer, de vez em quando, alguma coisa interessante aos nossos leitores, visto que dispomos de correspondentes no Rio de Janeiro, bem como em Berlin, os centros mais importantes da política interior e exterior".

O primeiro trabalho a ser publicado no folhetim, foi "A cadeia de Ouro Preto", excerpto de "Por montes e Vales", de Coelho Neto.

Sabemos, de fonte autorizada, que a redação dêsse periódico fôra confiada ao professor Carlos Büchler que era perfeito conhecedor do idioma nacional, embora não o manejasse, como êle mesmo confessa, com a facilidade e a pureza com que os nacionais o poderiam fazer.

Büchler, um homem de grande cultura e de versátil inteligência, era professor de português e de matemática na "Escola Nova". Havia edi-

tado uma gramática portuguesa para as crianças de língua alemã e, também, um compêndio de matemática, matéria por que era apaixonado. Tentara, até - e nesse sentido publicou um trabalho em que apresentava uma solução - resolver o célebre problema de Fermat.

Já nos primeiros números do nôvo jornal, começaram a aparecer, em suas colunas, colaborações literárias de autoria de oficiais do 55.º B. C., como aconteceu no n.º. 5, de 3 de outubro do mesmo ano de 1909, em que o próprio tenente-coronel Crispim Ferreira, analisando um trabalho de H. Seligmann, do exército francês, publicou um longo artigo sob o título: "O jôgo da guerra".

Também Itacoatiara de Senna, Alcides Brasil, Jonathas Rocha foram outros oficiais do aludido batalhão, que prestaram sua colaboração literária ao jornal.

"Der Urwaldsbote" foi, assim, o primeiro jornal totalmente redigido em língua portuguesa que se publicou em Blumenau. Foi incansável na defesa dos interesses da população teuto-brasileira de Santa Catarina e pugnou, com desassombro e galhardamente, pelos direitos do povo, sem deixar, entretanto, de lembrar-lhe, seguidamente, os seus deveres para com a pátria comum.

Com absoluta regularidade, "Der Urwaldsbote", edição portuguesa, foi publicado durante cinco anos consecutivos. Suspendeu a sua publicação com o n.º. 52, do 5.º. ano, a 30 de agosto de 1914. A redação dá, como razão dessa interrupção, "circunstâncias ocasionais".

Teve, êsse periódico, assinalada atuação no caso da catequese dos indígenas do Vale do Itajaí, pugnando, como o seu homônimo de língua alemã, pela adoção de métodos mais enérgicos por parte do govêrno, para pôr fim às correrias, assaltos, roubos e mortes que os bugres praticavam, seguidamente, nas regiões de colonização mais recente no Vale do Itajaí.

Também foi marcante o trabalho realizado por êsse jornal na defesa dos blumenauenses, seguidamente acusados de resistência à sua adaptação aos costumes e ao uso do idioma nacional.

Foi, sem dúvida, um órgão de imprensa que prestou bons serviços à coletividade a que serviu dedicadamente.

## XVII

### "SCHUETSENLIESEL"

Embora nada conste a respeito da data da sua publicação, nos números que passuímos dêsse jornalzinho, êle deve ter aparecido no Carnaval de 1911.

Foi publicado nesse e no ano seguinte, 1912. No número de 1912 êle aparece com o artigo anteposto ao título ("Das Schuetzenliesel"). Ambos os números parecem ter sido impressos nas oficinas do "Blumenauer-Zeitung" e são diferentes no formato e no número de páginas.

O primeiro, impresso em papel branco, tem o formato de 16 x 24 cm. enquanto o segundo tem 18 x 25,5 cm. O primeiro com 8 páginas e o outro com apenas 4, em papel azul.

Publicados por sócios da Sociedade de Atiradores de Blumenau, êsses números pouco têm de interessante, mesmo no gênero de piadas e críticas, que, certamente, devem ter despertado pouca curiosidade.

A Biblioteca Municipal possui os dois números que apareceram de "Schuetzenliesel".

## XVIII

### "KOLONIE, HAUS UND HOF"

Êste periódico teve seu primeiro número publicado em julho de 1911.

Seu formato era de 24 x 33 cm., com quatro páginas.

Exclusivamente dedicado aos problemas agro-pecuários, não publicava, senão, artigos, conselhos, sugestões, etc. que se referissem ao cultivo dos lotes coloniais e à vida econômica e social das famílias dos colonos.

No cabeçalho, formado pelo título em clichê, com a figura de um semeador do lado esquerdo, trazia a indicação: "Suplemento agrícola do "Der Urwaldsbote", jornal alemão em Blumenau" (Landwirtschaftliche Beilage zum Urwaldsbote, deutsche Zeitung im Blumenau). A matéria era distribuída em duas colunas por página, ilustradas quase sempre com desenhos explicativos.

Era distribuído juntamente com o "Der Urwaldsbote", uma vez por mês.

Foi publicado, ininterruptamente, até junho de 1920, excetuando, apenas, o período de quase dois anos, durante os quais fôra suspensa a publicação do "Der Urwaldsbote" (1918/1919) em virtude da primeira guerra mundial.

Publicação que prestou, realmente, grande serviço à coletividade do Vale do Itajaí, concorreu, de forma eficiente, para o progresso da sua agricultura e pecuária e indústrias correlatas.

No Arquivo Público de Blumenau existe a coleção quase completa dêsse periódico.

## XIX

### "LA VOCE DEL PARROCO IN FAMIGLIA"

Na povoação de Ascurra, hoje cidade e sede de município, apareceu em agosto de 1913, um jornalzinho mimeografado, com o título "La voce del parroco in famiglia" ("A voz do vigário na família").

De formato de 27 x 36 cm. e 4 páginas, era inteiramente redigido em língua italiana, manuscrito.

O primeiro número, que conhecemos, graças a uma gentileza do Revmo. Frei Basílio Prim, de Rodeio, que nô-lo emprestou, é feito em homenagem a D. João Borges Quintão, bispo de Florianópolis. Um bispo que nunca chegou, realmente, a sê-lo.

Com a remoção para a arquidiocese de Pôrto Alegre do primeiro bispo de Santa Catarina, D. João Becker, em 1913, fôra nomeado, pela Santa Sé, para substituí-lo, o padre Borges Quintão, secretário do arcebispo de São Paulo, D. Duarte Leopoldo e Silva.

Entretanto, devido ao seu precário estado de saúde, D. Quintão não chegou, nem mesmo, a ser sagrado, tendo sido aceita a sua renúncia ao alto encargo eclesiástico.

Foi, assim, entre a data da nomeação de D. Quintão e a da sua renúncia que o jornalzinho de que estamos tratando prestou-lhe a homenagem. Tôda a primeira página é tomada pelo título do periódico e pelo artigo: "Chi é il vescovo"? (Quem é o bispo?)

O escopo principal dêsse jornalzinho - como o próprio nome está indicando - era levar ao lar dos colonos a palavra do vigário, ensinamentos, conselhos e avisos relacionados com o horário das funções religiosas na paróquia, festas das padroeiras das várias capelas, etc. Noticiava, além disso, os batizados, casamentos e óbitos verificados no mês anterior.

O número manuscrito, o primeiro, encontra-se no Arquivo do Convento Franciscano de Rodeio. É uma peça literária rara e que merece todos os cuidados para a sua preservação.

Não sabemos se, já no mês seguinte, o jornal apareceu impresso. Mas temos presente a número 4, de novembro de 1913, impresso nas oficinas tipolitográficas de Hoemke Irmãos, de Blumenau. De formato 23,5 x 33 cm., com 4 páginas, em duas colunas abertas, trazia o jornalzinho vários artigos de cunho religioso, em idioma italiano (um dêles: "Pelo desenvolvimento da indústria", em português).

Também ignoramos o tempo de vida dêsse periódico. Como dissemos, foi à gentileza do Rev. Pe. Basílio Prim, de Rodeio, que devemos o ter entrado em contato com êsse interessante periódico, cuja existência desconhecíamos até então. O número 4 também nos foi cedido pelo mesmo sacerdote.

É fora de dúvida que "La Voce del Parroco in Famiglia" veio a lume por inspiração do então vigário de Ascurra, Padre João Canônico, para ali nomeado em 1912. Vê-se, da simples leitura dos dois números de que tratamos, que as simpatias políticas do jornalzinho eram inteiramente diferentes das que orientavam o jornal de Rodeio, o "L'Amico", já analisado. Eram simpatias voltadas para o govêrno italiano e à sua política exterior, enquanto que o último dêsses periódicos via, com melhores olhos, a influência austríaca sôbre o elemento tirolês que, em grande maioria, povoava as terras de Rodeio e parte de Ascurra. Mas, pelo menos nos números que nos foi dado compulsar, as profundas animosidades que tentavam dividir as populações de Ascurra e

Rodeio não chegaram até as páginas de ambos os jornais. Há acontecimentos que é melhor fiquem sepultados no esquecimento.

Deixamos, aqui, consignados, os nossos profundos agradecimentos ao Padre Basílio, por ter, bondosamente, pôsto à nossa disposição o material relacionado com a existência dêsse periódico de Ascurra.

## X X

### “BLUMENAU'S ILLUSTRIRTER FAMILIEN - KALENDER”

Für das Jahr 1914

Em outubro de 1913, a direção do “Blumenauer Zeitung” editou, nas suas oficinas tipográficas, um calendário para o ano de 1914, sob o título de “Blumenau's illustrierter Familien-Kalender” (Almanaque ilustrado da família blumenauense). Com 160 páginas de texto e anúncios, custava 800 réis o exemplar. Formato 16 x 23,5 cm. Com muitas ilustrações intercaladas. Com uma fotografia do então governador do Estado, Cel. Vidal José de Oliveira Ramos, abria o calendário a parte destinada às informações cronológicas, sôbre o tempo e épocas apropriadas às sementeiras, etc., bem como conselhos e indicações úteis como: tarifas postais, sistema métrico, câmbio e outras.

Entre a matéria de redação, quase tôda relacionada com a vida colonial, há artigos interessantes, como “Etwas von Doktor Fritz Müller” (Algo sôbre o dr. Fritz Müller); “Die Kolonie Hansa”, de José Deeke; “Blumenau und seine Zukunft” (Blumenau e o seu futuro), além de poesias, contos, anedotas, curiosidades.

Foi, sem dúvida, a publicação dêsse almanaque, uma iniciativa de grande alcance cultural e que, infelizmente, ficou nessa única edição.

A Biblioteca Pública de Blumenau possui exemplares dessa obra.

## X X I

### “MITTEILUNGEN DES ITAJAHY - TURNGAUES”

Fôlha mensal destinada aos associados da Sociedade de Ginástica de Blumenau.

Foi fundada em 1916, e, como o título indica, destinava-se a informar sôbre as atividades sociais, com artigos sôbre teoria, prática e conveniência dos exercícios físicos.

Não conhecemos nenhum exemplar dêsse jornal. Sabemos da sua existência pelas referências de outros periódicos, como o “Mitteilungen” da Associação Escolar de Santa Catarina (n.º 10, de outubro de 1917, pag. 43). Em outubro de 1917, estava no seu segundo ano de publicidade.

# REMINISCÊNCIAS

H. P. Zimmermann

“O primeiro médico e a primeira farmácia de Gaspar estabeleceram-se no vizinho município em 1910. Em Janeiro dêsse ano, o Sr. Saturnino Fernandes abriu uma farmácia no então 2º distrito de Blumenau. Êsse farmacêutico, durante muitos anos fôra auxiliar da Drogaria Central, de Florianópolis. O primeiro médico para lá também foi naquele mês e ano. Chamava-se Dr. Krappe”.

Esta nota, publicada em “Blumenau em Cadernos”, nº 6, de Junho do ano passado, trouxe à minha memória a temporada da estada em Gaspar, dos dois personagens nela mencionados. Sem anúncio prévio, apareceram ambos certo dia em Gaspar, o farmacêutico e o médico, para lá se estabelecerem e exercerem as suas respectivas profissões. Alugaram uma casa pertencente a meu pai, situada bem próxima ao centro da cidade, na saída para o bairro Gasparinho.

Como não podia deixar de acontecer, ambos despertaram a curiosidade do povo, pouco acostumado a ver pessoas estranhas em seu meio. Fora os poucos viajantes comerciais que então visitavam Gaspar, só por ocasião das grandes Festas de São Pedro apareciam lá pessoas estranhas, que pouco se demoravam na cidade. Assim, todos procuravam conhecer os dois homes estranhos, que vieram se estabelecer em nossa pequena cidade e, principalmente, conhecer os seus planos. Lembro-me, que o farmacêutico era um homem de baixa estatu-

ra, tez morena clara, sobranceiras cerradas, que se vestia com certo aprumo e tinha maneiras delicadas. Gostava de conversar e ouvir histórias referentes a Gaspar. Provavelmente deliciava-se com o linguajar típico de nossa gente daquela época, que não só continha vocábulos próprios, como também, têrmos próprios, não usados comumente em outros lugares para descrever certas cousas. Seu companheiro, o médico, não falava bem o português. Era um alemão radicado no Brasil há pouco tempo. De estatura alta, tez bem clara, olhos azuis e cabelos loiros, era êle o típico alemão recém-chegado da Europa. Gostava de andar a cavalo e usava vestimentas, também tipicamente européias. Todos os seus hábitos eram opostos aos do Sr. Fernandes. Enquanto êste gostava de passar seus dias em calma, o Dr. Krappe estava sempre em movimento, de um lado para outro, dirigindo-se freqüentemente a Blumenau, onde passava horas em companhia de amigos de uma boa cerveja. Quando voltava, dizia aos conhecidos que assim fazia “para melhor passar as horas solitárias”! Mas, diga-se a bem da verdade: Nunca alguém o viu embriagado.

A permanência em Gaspar, dêstes dois personagens, foi curta. Ou porque os gasparenses naquela época adocessessem menos, ou porque estavam acostumados a curar seus males com remédios caseiros, ou ainda, porque estavam acostumados a procurar os médicos de Blumenau quando se tratava de moléstias mais graves, Gaspar

poucas possibilidades de sobrevivência oferecia para um médico e um farmacêutico.

Certo dia ambos foram a Florianópolis para contrair núpcias. Haviam deixado noivas naquela Capital, quando vieram para Gaspar. Voltaram, depois de poucas semanas, trazendo em sua companhia as espôsas. Estas, não devem ter gostado muito de Gaspar, o que é perfeitamente compreensível tendo-se em consideração o acanhado meio então vigente em minha terrinha natal, que em nada podia ser comparado ao da Capital, onde ambas viveram antes. Todavia foram bem recebidas pelas famílias de Gaspar, onde foram cercadas de muitas atenções.

Tenho boa recordação do médico, pessoa muito culta e muito viajada. Com êle meu pai fêz boa amizade e achou, que êle poderia melhorar meus conhecimentos de geometria e de língua alemã, que naquela época era bastante estropiada e viciada com têrmos de gíria. O Dr. Krappe logo acedeu à idéia de ministrar-me aulas particulares nestas duas matérias. Embora poucas fôsem as aulas que dêle recebi, creio que foram bastante proveitosas para mim, porque êle dispunha de um método de ensino muito intuitivo. O lamentável nisto foi, que o professor faltava muitas vêzes, pois como já disse, freqüentemente ia à Blumenau e nesses dias não me dava aulas.

Eu gostava de ir à casa do Dr. Krappe, onde eu via objetos interessantes para mim, como quadros de cidades distantes, instrumentos para experiências em matéria de física e de química, binóculos e outras cousas mais. O que mais me interessava, era um apa-

relho de vidro para a destilação de hervas maceradas, quase semelhantes aos alambiques para a produção de aguardente, que eu tão bem conhecia nos engenhos de açúcar, que então havia em grande número em Gaspar. Quando o professor não aparecia, ficava eu horas a fio olhando tôdas essas cousas e folhear livros ilustrados, que êle também possuia em regular quantidade.

Mas, como já disse, o farmacêutico e o médico pouco tempo permaneceram em Gaspar. Passado um ano, mais ou menos, passaram a residir no único hotel que então havia em nossa cidade. Poucos mêses depois, voltaram a Florianópolis. Mais tarde, por coincidência, encontrei o Dr. Krappe em Campos Novos, mas achei-o bastante mudado e envelhecido.

Gaspar, em 1910, não podia oferecer ambiente e possibilidades para que lá se estabelecessem um médico e uma farmácia. Nossa gente, naquêles tempos, costumava usar remédios caseiros feitos de hervas e de raízes, para curar os males de que sofria. Havia lá pessoas altamente versadas no preparo de mezinhas e que não se negavam prepará-las, quando alguém estava doente e delas precisava para curar-se. Havia, também, — e disto Gaspar não fugiu do costume de muitas outras localidades em todo o litoral e em todo o interior — os benzedores e as benzedadeiras, que conheciam orações próprias para debelar todos os males e para curar com orações "fortes", as mais rebeldes enxaquecas. Não sei se por fôrça das orações ou pela fé dos enfermos, afirmava-se que todos ficavam curados. Quando isto não acontecia, era porque o enfêrmo não tinha fé

no benzimento, como diziam os benzedores.

Bons tempos aquêles, em que as pessoas morriam apenas de "nó nas tripas", de "ar maligno", de "sangue nos botes" e cousas semelhantes

Não se conheciam tôdas estas enfermidades de nomes exóticos e complicados de que a humanidade de nossos tempos sofre. Não se conhecia, também, tôda esta enxurrada de medicamentos com nomes ainda mais complicados que hoje existem e que, provavelmente pelos nomes difíceis que têm, também têm a prefe-

rência sôbre os remédios feitos com os produtos que a natureza nos oferece. Mas isto é fruto de nossa era civilizada e progressista, que já não mais admite efeito nas cousas simples.

Conheci, certa ocasião numa localidade de interior, um curandeiro e bezendor, que afirmava poder curar todos os males, mas que o povo já não tinha fé nos remédios que distribuía. Afirmou-me êle com tôda a seriedade: "Des'que pareceram por aqui os médicos e os remédios caros e com nome difícil, morre muito mais gente que antes; agora é um morrê sem pará!"

---

## NO SESQUICENTENÁRIO DO FUNDADOR

Para comemorar a passagem, a 26 de dezembro, último, do 150º aniversário do nascimento do Dr. Hermann Blumenau, fundador da cidade, herdeira do seu nome, e colonizador do Vale do Itajaí, foi solicitada à direção da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos a emissão de um selo postal comemorativo.

Por iniciativa do Diretor da Biblioteca Pública e da Redação desta revista, foi encomendado o desenho do selo ao notável artista, sr. Franz Tschersowski, funcionário da Empresa Industrial Garcia.

O sr. Tschersowski fêz um trabalho notável, com a effigie do fundador, tècnicamente perfeito, simples, mas de grande beleza.

Dados os necessários passos junto à Comissão Filatélica da citada Empresa e graças à boa vontade de D. Iracema Dantas de Carvalho, sua diretora, conseguiu-se a inclusão, em outubro de 1968, no programa de emissões postais comemorativas para 1969, do selo do Dr. Blumenau.

Efetivamente, no dia 26 de dezembro, último, às 10 horas, em solenidade realizada no salão nobre da Biblioteca Pública, o selo foi pôsto em circulação. A cerimônia constou de uma ligeira alocação do sr. J. Ferreira da Silva, diretor da mesma Biblioteca, o qual explanou o significado da homenagem que, com a emissão do selo, prestava-se ao Dr. Blumenau, não apenas pela cidade, por êle fundada, mas por todo Brasil cujo povo, reconhecendo o trabalho e as virtudes do grande colonizador, consagrava-lhe a memória como a de um dos grandes propulsores do seu progresso e do seu bem estar.

Convidado pelo orador, o sr. Prefeito Municipal, Dr. Carlos Curt Zadrosny, sob prolongada salva de palmas dos presentes, aplicou o carimbo sôbre a primeira quadra de selos, dando, assim, início à circulação da nova marca postal.

Grande foi o número de filatelistas e outros interessados a adquirir os selos e a carimbar peças filatélicas com o carimbo comemorativo da efeméride, também autorizado pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Foram vendidos, no guichê preparado na Biblioteca e que funcionou até as 12 horas do dia 26, nada menos de 5.000 selos. Depois do meio dia, os selos passaram a ser vendidos e carimbados na Agência Postal desta cidade.

No mesmo dia, em tôdas as agências postais de tôdas as capitais brasileiras e das mais importantes cidades do interior do país, o sêlo era, simultâneamente, pôsto à venda.

Antes dessa, outras homenagens foram prestadas pela população de Blumenau à memória do fundador. Às 8 horas, no templo evangélico, celebrou-se um culto ecumênico, oficiado pelo pastor evangélico, Rev. Piske e pelo Frei Bernardo, vigário católico. Ambos ocuparam o púlpito do templo repleto de fiéis e, em comovidas palavras, traçaram o perfil do homenageado, ressaltando-lhe as virtudes, a operosidade, o civismo e a inteireza do seu caráter.

Às 9 horas, em frente ao monumento do fundador da cidade, na entrada da Alameda Duque de Caxias, reuniram-se autoridades e grande número de populares para outra e brilhante homenagem à memória do fundador. Em nome de Blumenau, falou o Dr. Victor Sasse, vereador à Câmara Municipal que, em belo improviso, ressaltou os méritos do Dr. Blumenau e a sua marcante personalidade e de cuja obra grandiosa tantos benefícios adviram a Santa Catarina e ao país.

Sob aclamações e palmas, o sr. Prefeito Municipal depositou, aos pés da estátua, uma linda corbelha de flôres de antúrios. Muitas das senhoras presentes acompanharam o gesto do governador da cidade cobrindo de flôres o pedestal do monumento.

Assim, a passagem do sesquicentenário de nascimento do Dr. Blumenau foi devidamente comemorado pela cidade que êle fundou e tanto amou.

---

A primeira torrefação de café, na cidade de Itajaí, foi estabelecida em 1907, pelo comerciante Manoel Antônio Fontes que, em fins daquele ano, montou uma tal indústria na Barra do Rio. O produto dessa torrefação, pela sua pureza e sabor teve fama e grande saída, numa época em que, geralmente, a torrefação e moagem do café eram tarefas de donas de casa.

Em março de 1906, um jornal do Vale publicava esta nota: "Ouvimos dizer que o Trust dos Fósforos oferecera ao sr. Frederico Busch, de Blumenau, 20 contos de réis pelo fechamento da sua fábrica de fósforos Dominó, mas êsse distinto industrial exigira o triplo daquela quantia.

# Rodeio e o Seu Desenvolvimento

Jacó FURLANI

A nossa quase centenária cidade de Rodeio pouco tem progredido no ramo industrial.

Se pesquisarmos os motivos dêsse fato, chegaremos à conclusão de que tal fator se deve atribuir, em grande parte, à pouca instrução dos nossos ancestrais, os primeiros imigrantes.

Retrocedamos, por uns instantes, aos primórdios da colonização de Rodeio.

Talvez alguns discordem dos conceitos que emitirei, mas tenho para mim argumentos para afirmar que os nossos primeiros colonizadores não vieram, de forma alguma, preparados para construir uma comunidade progressista. Por incrível que pareça, a velha Itália e a velha Áustria mandaram para estas bandas levas de emigrantes quase analfabetos.

Os nossos antepassados provinham, em sua grande maioria, do Tirol, dominado, naquela época, pelo império austríaco. Incultos, inexperientes em agricultura, sem profissão definida, viram-se, em aqui chegados, no meio de densa mata virgem, inóspita e agreste. Tiveram que lutar muito pela sobrevivência. Foi-lhes entregue, a cada família, um lote de terras, uma "colônia", como chamavam. Cada "colônia" media 200 metros de frente por mil e tantos de fundos. Uma simples picada, era o único meio que possuíam para se comunicarem. Abandonados à própria sorte, longe uns dos outros, cada um procurava arranjar-se do melhor modo possível.

A Comunidade, se assim se poderia denominar aquêlê grupo de gente, espalhada pela floresta a dentro, somente aos domingos de reunia, em redor da sua igreja rústica. Não havia o convívio, faltava o entrosamento necessário para um diálogo mais intenso e direto.

É, pois, compreensível que o desenvolvimento da Comunidade, nessas condições, teria de ser vagoroso e bastante lento.

No entanto, sentiam aquêles imigrantes a necessidade premente de pequenas indústrias que produzissem o necessário, o mínimo pelo menos, para a sua subsistência.

Plantava-se milho e cana de açúcar. Era preciso construir casas que substituíssem as primitivas cabanas. E foram surgindo as atafonas para moer milho, produzir farinha; as moendas de cana para o melaço e o açúcar, as olarias para tijolos e telhas, as ferrarias que retemperavam as ferramentas gastas pelo uso. Onde havia uma queda d'água, um desnível em riacho, procurava-se o seu aproveitamento. Era a indústria ensaiando os primeiros passos, vindo em socorro da Comunidade. A falta de instrução não permitia, porém, que as indústrias, incipientes, lograssem grandes êxitos e expansão.

Frei Lucínio Korte, benemérito e sábio sacerdote, homem de larga visão, a quem Rodeio tudo deve, não conseguia despertar os nossos imigrantes para o caminho da industrialização. Ficaram marcando passo, plantando milho e fumo, que penosamente transportavam, em carroças, para Blumenau.

Esbarrava, ainda, a industrialização num obstáculo, bastante sério

e hostil. Infundiu-se, nas mentes dos colonos, que as fábricas, as indústrias, viriam ocupar muita mão-de-obra, muita gente. Com a conseqüente vinda de pessoas estranhas, de outras paragens, de outras raças, corromper-se ia o ambiente, em prejuízo dos costumes vigorantes e da própria comunidade.

Esta inércia, esta falta de empreendimentos iria perdurar até o final da primeira guerra mundial. Nesse interim, Rodeio cresceu muito, demograficamente, e não havia como dar trabalho e ocupação à sua gente. E, obviamente, veio a migração. E isso aconteceu quando se deu começo à colonização do Alto Vale do Itajaí. Os filhos de Rodeio, ainda aconselhados por Frei Lucínio, invadiram as novas colonizações de Rio do Sul, Rio do Oeste, Taió, Ibirama e outras. De uma hora para outra, viu-se a Comunidade rodeiense privada da sua juventude. Os que aqui ficaram, porém descobriram que as férteis planícies da terra rodeiense, prestavam-se, perfeitamente, ao plantio do arroz. Começaram uma nova época. A febre rizícola invadiu tôdas as camadas sociais. E mais uma vez veio a indústria comprovar a sua eficiência. Fabricaram-se novos tipos de arados, grades, carças, batedeiras e limpadoras de arroz.

Melhorada a situação financeira, devido à boa aceitação do arroz aqui produzido, cuidou-se de construir engenhos para beneficiamento e comercialização do produto.

Surgiram novos prédios, onde foram instaladas máquinas modernas. Criaram-se novas fontes de emprêgo. Já havia vagas para operários especializados, para maquinistas, motoristas etc. Era a indústria que tentava-se firmar era a indústria a serviço da Comunidade.

Com o advento da CELESC, e conseqüente fornecimento de abundante energia elétrica, surgiram outras indústrias, distribuídas pelos mais diversos ramos.

Teve regular impulso, nos últimos tempos, a indústria madeireira. Surgiram novas e modernas serrarias, de regular produção, fábrica de esquadrias, de artefatos domésticos, de móveis e outras.

Não obstante dessas indústrias representarem algum progresso, Rodeio, ainda se ressentia da falta de uma indústria de vulto, que estivesse em condições de proporcionar mais empregos e trabalho à sua juventude.

Várias tentativas foram feitas nesse sentido, sem resultados positivos.

Ainda hoje visitamos, em companhia do nosso Padre Vigário e do sr. Prefeito Municipal, uma grande indústria de Blumenau, com o fim especial de conseguir, para a nossa cidade, o implante daquela indústria. Possivelmente, o futuro falará diferentemente, pois, as nossas autoridades acham-se possuídas dos melhores propósitos no sentido de industrializar a nossa comuna.

Nota-se na nossa juventude uma nova mentalidade. Está ela olhando bem mais longe. Com a instrução, adquirida nos nossos educandários está mais preparada para enfrentar, com coragem e de cabeça erguida, o promissor futuro. Compreenderá, certamente, que é preciso, imprescindível mesmo, diversificar os vários ramos da indústria. A mão-de-obra está aí, fácil, abundante, e barata a espera do trabalho, a espera de quem a queira utilizar. A Comunidade precisa da Indústria e esta precisa da Comunidade. Contemos no futuro, êle nos dará a resposta que, esperamos, seja positiva,

# A NOSSA CAPA

A capa do Tomo XI, que iniciamos com êste número, é trabalho do conhecido artista pintor e gravador H. Steiner, hoje já um nome nacional. Steiner foi discípulo de H. Oswald, tenho merecido da crítica especializada os mais destacados elogios. Detentor de vários prêmios em nossa Terra, Steiner tem igualmente nome consagrado em outros países europeus, como a Áustria, em cujo Museu de Belas Artes existem várias gravuras, pinturas e desenhos seus em exposição permanente. A gravura da capa representa a antiga roda d'água de Têsto-Salto, onde Johann Karsten, nas últimas décadas do século passado, iniciou a sua indústria de tecelagem, hoje uma das mais importantes do Estado.

Atendendo ao pedido que lhe fizemos para desenhar a capa do Tomo XI de "BLUMENAU EM CADERNOS", H. Steiner fez um trabalho digno do renome, de que pode se orgulhar, de um dos mais competentes gravadores e pintores da atual geração de artistas brasileiros.

---

Pedro Palm, filho de um dos primeiros alemães que, em 1828 vieram para São Pedro de Alcântara e que, com Pedro Müller, e outros, foi se estabelecer na então Vila do Itajaí, próximo à Barra do Rio, foi o primeiro a construir casa de tijolos naquela, hoje cidade de Itajaí.

---

## — BLUMENAU EM CADERNOS —

*Fundação e direção de J. Ferreira da Silva*

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) NCr\$ 6,00 —

Redação e Administração: Alamêda Duque de Caxias, 64

**Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil**

INDÚSTRIA TÊXTIL

# Companhia Hering

BLUMENAU - Estado de Santa Catarina - Brasil

RUA HERMANN HERING, 1790 - CAIXA POSTAL, N.º. 1

TELEGR. : «TRICOT»

≡≡≡ HERING ≡≡≡

**FÁBRICA DE:**

**ARTEFATOS DE MALHA**

FUNDADA EM 1880

Contribuindo para a

Grandeza do Brasil

em seu Comércio

e Indústria

Empresa Industrial

Garcia S.A.

BLUMENAU — ESTADO DE SANTA CATARINA

Escritório e Fábrica: - Rua Amazonas, 4.906 - Garcia

Enderêço Telegráfico: «GARCIA» - Caixa Postal, 22

Fiação e Tecelagem de Algodão

FIOS DE ALGODÃO DE SUPERIOR QUALIDADE

TOALHAS FELPUDAS DE ROSTO DE BANHO

TOALHAS DE MESA — PANOS DE COPA

LENÇOS — ROUPÕES, ETC. — ATOALHADOS

CRETONES E OUTROS TECIDOS